

METAFÍSICA DE ARISTÓTELES

Lucas Angioni
[IFCH - Unicamp]

ABSTRACT

Translation of chapters 1-8 of Aristotle's *Metaphysics* Delta, with a little of philological observations and philosophical remarks in the notes.
Keywords: Ontology – first philosophy – philosophical vocabulary.

APRESENTAÇÃO

O livro V (Delta) da *Metafísica* de Aristóteles constitui uma espécie de léxico filosófico, que não se encaixa particularmente na progressão argumentativa que anima a sucessão dos livros da *Metafísica* – até mesmo porque Aristóteles não apresenta aí nenhum argumento: ele apenas distingue e enumera diversos sentidos em que são tomados alguns termos relevantes em sua doutrina filosófica. A comparação com um léxico filosófico contemporâneo seria, no entanto, imprópria e desapontadora, se fosse levada às últimas conseqüências. Em primeiro lugar, Aristóteles parece não almejar exaurir a lista de todos os termos que lhe são importantes – poderíamos lamentar, por exemplo, a ausência de um capítulo-verbete que explicasse os diversos sentidos do termo “*eidos*”, tão importante nos mais variados campos de sua filosofia. Em segundo lugar, os capítulos-verbetes são bastante desiguais entre si e parecem não terem sido elaborados a partir de um mesmo plano padronizado. Os mais completos apresentam ordenadamente os diversos sentidos do termo em questão: partem do sentido mais ordinário, dado na língua comum; reportam-se a sentidos adotados por outros filósofos (predecessores ou

contemporâneos a Aristóteles); apresentam os sentidos que Aristóteles reconhece como válidos; mencionam os sentidos metafóricos, etc., e finalmente, discriminam aquilo que seria o sentido filosoficamente mais relevante, ou o sentido principal, do qual os demais derivam. No entanto, nem todos os capítulos executam todas essas tarefas. Alguns apenas apresentam listagens de sentidos, sem se preocupar em discriminá-los a fonte e organizá-los hierarquicamente. Outros se esmeram nessas preocupações, ao passo que outros as resolvem de maneira meramente alusiva.

Apresentamos a seguir, como resultado parcial de nossa pesquisa sobre o livro V da *Metafísica*, a tradução dos primeiros oito capítulos, os quais se ocupam de alguns dos termos mais fundamentais do pensamento aristotélico: “*arche*”, “*aition*”, “*stoicheion*”, “*physis*”, “*anagkaion*”, “*hen*”, “*on*”, “*ousia*”. Uma tradução prévia do capítulo 7 (“*on*”) foi publicada em *Ontologia e Predicação em Aristóteles*, Campinas: IFCH/Unicamp, 2000, p. 55-6. Para a tradução do capítulo 2 (“*aition*”) – dado que tal capítulo é praticamente uma versão reduzida do capítulo 3 do livro II da *Física*, com algumas discrepâncias –, utilizamos como ponto de partida a tradução dos livros I-II da *Física* de Aristóteles, que publicamos em 2002 (Campinas: IFCH/Unicamp, *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução* nº1).

Salvo raras exceções - devidamente indicadas nas notas - o texto assumido para a tradução foi o de D. Ross

METAFÍSICA

de

Aristóteles

Livro V (Delta)

Capítulo 1

[1012b 34] Denomina-se princípio aquele ponto da coisa a partir do qual alguém poderia se mover primeiramente; por exemplo: do comprimento e do caminho a partir daqui, este é o princípio, mas, a partir do ponto contrário, é outro.

[1013a 1] Denomina-se princípio aquilo a partir de que cada coisa poderia vir a ser da maneira mais adequada; por exemplo, mesmo no aprendizado, às vezes não se deve principiar pelo primeiro e pelo princípio do assunto, mas sim de onde poderia se aprender da maneira mais fácil.

[1013a 4] Denomina-se princípio o item imanente a partir do qual algo primeiramente vem a ser; por exemplo: do navio, a quilha, da casa, o alicerce

e, dos animais, uns julgam ser de tal tipo o coração, outros, o cérebro, outros, uma outra coisa qualquer.

[1013a 7] Denomina-se princípio o item não-imanente a partir do qual algo primeiramente vem a ser, bem como aquilo a partir de que primeiramente o movimento e a mudança principiam de maneira natural; por exemplo: a criança provém do pai e da mãe, assim como a briga provém da injúria.

[1013a 10] Denomina-se princípio aquilo por cuja decisão se movem as coisas suscetíveis de movimento e mudam as coisas suscetíveis de mudança, tal como denominam-se princípios os cargos na cidade, as dinastias, os reinados e as tiranias, bem como as técnicas e, entre essas, sobretudo as arquitetônicas.

[1013a 14] Além disso, também denomina-se princípio do assunto aquilo a partir de que o assunto pode primeiramente ser conhecido, tal como as hipóteses das demonstrações.

[1013a 16] Também as causas se denominam de igual modo: pois todas as causas são princípios.

[1013a 17] Assim, é comum a todos os princípios o fato de ser o primeiro a partir de que algo é, ou vem a ser, ou vem a ser conhecido; entre eles, alguns são imanentes, outros são externos. Por isso, a natureza é princípio, bem como o elemento, o pensamento, a decisão, a essência e aquilo *em vista de que*: pois, para muitas coisas, é princípio do conhecer e do movimento o bem e o adequado.

Capítulo 2

[1013a 24] De um modo, denomina-se causa o item imanente a partir de que algo vem a ser, por exemplo, o bronze denomina-se causa da estátua e a prata, da taça, bem como os gêneros dessas coisas; de outro modo, denomina-se causa a forma e o modelo, e isso é a definição do “*o que era ser*” e seus gêneros (por exemplo: do semi-tom, “dois para um” e, em geral, a relação numérica), bem como as partes contidas na definição. Além disso, denomina-se causa aquilo de onde é o começo primeiro da mudança ou do repouso, por exemplo, é causa aquele que deliberou, assim como o pai é causa da criança e, em geral, o produtor é causa do produzido e aquilo que efetua a mudança, daquilo que se muda. Além disso, denomina-se causa tal como o fim, ou seja, aquilo *em vista de que*, por exemplo, do caminhar, a saúde. “Pois por que caminha?”, dizemos. “A fim de que tenha saúde” e, assim dizendo, julgamos ter explanado a causa. Também denomina-se “causa”, seguramente, tudo aquilo que – alguma outra coisa tendo iniciado o movimento – vem a ser intermediário para o fim, por exemplo, da saúde, o emagrecimento, a purgação, as drogas ou os instrumentos; pois todos esses itens são em vista do fim, mas diferem entre si porque uns são instrumentos, ao passo que outros são operações.

[1013b 3] Assim, as causas se denominam, por assim dizer, de todas essas maneiras; por outro lado, sucede que – na medida em que as causas se denominam de diversas maneiras – há inclusive várias causas para uma mesma coisa, não segundo concomitância (por exemplo, tanto a arte de esculpir como também o bronze são causas da estátua não segundo alguma outra coisa, mas sim enquanto estátua, embora não do mesmo modo – pelo contrário, uma é como matéria, ao passo que a outra é como aquilo de onde procede o movimento), assim como causas recíprocas (tal como o fatigar-se em relação ao bom condicionamento corporal e este em relação ao fatigar-se; mas não são causas segundo o mesmo modo, pois uma é como fim, ao passo que a outra é como origem de mudança).

[1013b 11] Além disso, um mesmo item pode ser causa de coisas contrárias: pois às vezes apontamos como causa do efeito contrário aquilo que está ausente, o qual, quando está presente, é causa responsável por tal e tal coisa; por exemplo, apontamos como causa da ruína do navio a ausência do piloto, cuja presença era causa de sua salvação. Mas ambas – a presença e a privação – são causas enquanto propiciam movimento.

[1013b 16] Todas as causas aqui mencionadas caem sob quatro modos mais manifestos. Pois as letras são causas das sílabas como aquilo *a partir de que*, assim como a matéria é causa dos fabricáveis, o fogo, a terra (bem como os elementos de tal tipo) são causas dos corpos, as partes, causas do todo e as hipóteses, causas da conclusão; desses itens, uns são causa a título de subjacente (por exemplo, as partes), ao passo que outros são causa enquanto “*o que era ser*”: o todo, a composição e a forma. Por outro lado, a semente, o médico, aquele que deliberou e, em geral, aquilo que produz, tudo isso é causa como aquilo de onde procede o começo de mudança ou repouso. Algumas coisas, por sua vez, são causas como o acabamento e o bem de outras: pois aquilo *em vista de que* outras coisas se dão é o melhor e tende a ser acabamento delas; e não faz nenhuma diferença dizer o bem em si mesmo ou o bem aparente.

[1013b 28] As espécies de causas são essas tantas; mas os modos das causas são múltiplos em número, embora, resumidos, também eles sejam em número menor; pois denominam-se causas de muitas maneiras e, mesmo entre as causas de mesma espécie, uma se denomina causa de modo anterior ou posterior a outra, por exemplo: da saúde, denominam-se causa o médico e o experto, assim como, do semi-tom, o duplo e a relação numérica e, em qualquer caso, também os itens que contêm qualquer um dos particulares.

[1013b 34] Além disso, denominam-se causas tal como aquilo que é concomitante e os seus gêneros, por exemplo, da estátua, de um certo modo a causa é Policleto, mas, de outro, é o escultor, porque sucede como concomitante ao escultor ser Policleto.

[1014a 1] Denomina-se causa também aquilo que contém o concomitante, por exemplo, o homem é causa da estátua ou, em geral, até mesmo o animal, porque Policleto é homem e homem é animal.

[1014a 4] Até mesmo entre os concomitantes, uns são causa de modo mais remoto ou mais próximo que outros, por exemplo, se o branco e o culto fossem denominados causa da estátua, e não apenas Policleto e homem.

[1014a 7] E todas essas causas, tanto as que se denominam apropriadamente como as que se denominam segundo concomitância, denominam-se umas como capazes, ao passo que outras, como efetivamente atuantes, por exemplo: do construir-se uma casa é causa o construtor, ou o construtor que está construindo.

[1014a 10] Também aquilo de que as causas são causas pode ser denominado de maneira semelhante às que foram mencionadas, por exemplo: “desta estátua”, ou “de estátua”, ou, em geral, “de imagem”, e “deste bronze”, ou “de bronze”, ou, em geral, “de matéria”. E do mesmo modo também no que respeita aos concomitantes.

[1014a 13] Além disso, tanto estes itens como também as causas poderão ser denominados em complexão, por exemplo, nem “Policleto” nem “escultor”, mas sim “Policleto escultor”.

[1014a 15] No entanto, todos esses casos são em número de seis, e se denominam de dois modos: ou como o particular, ou como o gênero; ou como o concomitante, ou como o gênero do concomitante; e são denominados ou em complexão, ou de maneira simples. E todos eles se denominam ou como efetivamente atuantes, ou segundo potência.

[1014a 20] E isso faz diferença nesta exata medida: as causas efetivamente atuantes, bem como as particulares, são o caso (assim como não são o caso), simultaneamente àquilo de que são causas, por exemplo, este que está medicando é simultâneo a este que está sendo curado, e este construtor é simultâneo a isto que está sendo construído. Mas as causas segundo potência nem sempre são simultâneas: pois não se corrompem ao mesmo tempo a casa e o construtor.

Capítulo 3:

[1014a 26] Denomina-se elemento o item primeiro e imanente a partir de que algo se constitui, e que não pode ser dividido especificamente em uma forma distinta; por exemplo, são elementos da voz os itens últimos a partir dos quais se constitui a voz e nos quais ela se divide, ao passo que eles não mais se dividem em outras vozes, que lhes fossem especificamente distintas – pelo contrário: mesmo se forem divididos, as partes serão homóformes, tal como a parte da água é água; no entanto, a parte da sílaba não é sílaba.

[1014a 31] Pronunciam-se de maneira semelhante os que afirmam que também os elementos dos corpos são os itens últimos nos quais se dividem os corpos, mas que não mais se dividem eles mesmos em itens que fossem diferentes em forma. Quer seja um só, quer mais de um, chamam tais itens de elementos.

[1014a 35] É de modo similar que se denominam também os elementos das figurações geométricas e, em geral, os da demonstração. Pois as demonstrações primeiras, isto é, as que estão imanentes em diversas demonstrações, são denominadas de elementos das demonstrações; e os silogismos desse tipo são os primeiros, a partir de três termos, através de um intermediador.

[1014b 3] Por transposição a partir disso, também chamam de elemento aquilo que, sendo um só e pequeno, é útil para várias coisas; por isso, também denomina-se elemento aquilo que é pequeno, simples e indivisível.

[1014b 6] A partir daí, proveio a opinião de que sejam elementos os itens mais universais (porque cada um deles, sendo um só e simples, encontra-se presente em muitos, ou em todos ou na maior parte), e que alguns reputeem ser princípios o um e o ponto.

[1014b 9] Assim, visto que os chamados “gêneros” são universais e indivisíveis (pois deles não há definição), alguns afirmam que os gêneros são elementos, e mais do que a diferença, porque o gênero é mais universal: pois o gênero acompanha inclusive aquilo a que se atribui a diferença, ao passo que a diferença não acompanha tudo aquilo a que se atribui o gênero.

[1014b 14] Mas o que é comum a todos os casos é o fato de ser elemento de cada coisa aquilo que primeiramente está imanente em cada uma.

Capítulo 4

[1014b 16] Denomina-se natureza, de um modo, o vir a ser das coisas que nascem (como se alguém pronunciasse alongando o “u”) e, de outro modo, o item primeiro e imanente a partir do qual nasce aquilo que nasce.

[1014b 18] Além disso, denomina-se natureza aquilo a partir de que se dá o movimento primeiro em cada ente natural em si mesmo, enquanto ele é ele mesmo. Diz-se que nascem todas as coisas que têm crescimento através de outra, por terem contato e concrecerem, ou por crescerem sobrepostas – por exemplo, os embriões. Mas o concrecimento difere do contato, pois, neste último caso, não é necessário haver nada distinto além do contato, mas, nos itens que concrecem, há algo que é uno e idêntico em ambos, o qual faz concrecerem (ao invés de terem contato) e faz haver algo uno conforme ao contínuo e ao *quanto* (embora não conforme ao *qual*).

[1014b 26] Além disso, denomina-se natureza o item primeiro a partir do qual vem a ser ou é um ente natural, e que estava desarranjado e não sofre a

mudança a partir de sua própria capacidade; por exemplo, da estátua e dos utensílios êneos, é o bronze que se denomina natureza, ao passo que, dos utensílios de madeira, é a madeira; semelhantemente também nos demais casos; pois cada coisa é a partir desses itens, por conservar-se a primeira matéria; pois é desse modo, com efeito, que afirmam ser natureza os elementos dos entes naturais, uns, afirmando ser o fogo, outros, terra, outros, ar, outros, água, outros, algum outro de tal tipo, outros, alguns deles e outros, finalmente, todos eles.

[1014b 35] Além disso, de outro modo, denomina-se natureza a essência dos entes naturais, tal como aqueles que afirmam que a natureza é a primeira composição, ou como Empédocles afirma que “não há natureza de nenhum dos entes, mas apenas mistura e reconciliação dos misturados, mas pelos homens é denominado natureza”. Por isso, inclusive, com respeito às coisas que são ou vêm a ser por natureza, quando já está disponível aquilo a partir de que naturalmente vêm a ser ou são, ainda não afirmamos que possuem sua natureza, se não possuírem sua forma e configuração.

[1015a 6] Por natureza é o composto desses dois itens, por exemplo, os animais e suas partes; mas é natureza a primeira matéria (e esta é de dois modos: ou a primeira em relação à própria coisa, ou a que é em geral primeira; por exemplo: dos produtos êneos, é o bronze que é primeiro em relação a eles mesmos, mas, em geral, é talvez a água, se são água todas as coisas suscetíveis de fusão) e também a forma, isto é, a essência: isso é o acabamento do vir a ser.

[1015a 11] Já por transposição, também em geral qualquer realidade se denomina natureza por tal razão: porque também a natureza é uma certa realidade.

[1015a 13] A partir do que foi dito, a natureza primeira, e que assim se denomina de maneira principal, é a essência das coisas que possuem princípio de movimento em si mesmas na medida em que são elas mesmas; pois a matéria se denomina natureza por ser suscetível de recebê-la, assim como as gerações e o nascer se denominam natureza por serem movimentos a partir dela. E é esse o princípio de movimento dos entes naturais, o qual de algum modo está imanente, ou pela potência, ou em efetividade.

Capítulo 5

[1015a 20] Denomina-se necessário aquilo sem o que, a título de causa auxiliar, não é possível viver (por exemplo: o respirar e a alimentação são necessários ao animal, pois é impossível que exista sem eles), assim como aquilo sem o que não é possível que um bem seja o caso ou venha a ser, ou sem o que não é possível descartar um mal ou dele se privar (por exemplo: é necessário beber a droga a fim de que não adoeça, assim como é necessário navegar para Egina a fim de recobrar as riquezas).

[1015a 26] Além disso, denomina-se necessário aquilo que é forçado por violência e a violência, isto é, aquilo que impede e estorva, contra o impulso e a preferência; pois se diz que o que é forçado por violência é necessário e, por isso, também doloroso (como inclusive Eveno diz: “todo assunto necessário é naturalmente aborrecedor”), e se diz que a violência é uma certa necessidade (como inclusive Sófocles diz: “mas a violência me constrange por necessidade a fazer isso”), e reputa-se, corretamente, que a necessidade é algo indissuadível: pois ela é contrária ao movimento conforme à preferência e ao cálculo.

[1015a 33] Além disso, dizemos que é necessário que se comporte assim deste modo aquilo que não pode se comportar de outro modo; e, de certa maneira, todas as demais coisas se denominam necessárias segundo esse tipo de necessário. Pois, quanto àquilo que é forçado por violência, se diz que é necessário fazê-lo ou padecê-lo exatamente quando, devido àquilo que foi imposto por violência, não é possível agir conforme ao impulso, como se essa fosse uma necessidade devido à qual não é possível ser de outro modo. É da mesma maneira também no que respeita às causas auxiliares do viver e do bem; pois, quando um bem não é possível, ou quando viver ou existir não é possível sem certas coisas, estas são necessárias e esta causa é uma certa necessidade.

[1015b 6] Além disso, a demonstração é a respeito de itens necessários, porque, se algo se encontra demonstrado simplesmente sem mais, não é possível ser de outro modo. E as causas disso são os itens primeiros, se é impossível que se comportem de outro modo os itens a partir dos quais procede o silogismo.

[1015b 9] Assim, para alguns itens, é uma outra coisa que é causa pela qual são necessários, ao passo que, para outros, não é nenhuma outra, mas é devido a eles que outras coisas são por necessidade. Por conseguinte, o que é necessário primeira e decisivamente é aquilo que é simples; pois não é possível que isso se comporte de mais de um modo, nem, por conseguinte, que se comporte de modos diversos (pois, caso contrário, já se comportaria de mais de um modo). Assim, se há algumas coisas que são eternas e imutáveis, para elas não há nada que seja forçado por violência ou contra a natureza.

Capítulo 6

[1015b 16] Algo denomina-se um, por um lado, segundo concomitância, mas, por outro, em si mesmo; segundo concomitância, por exemplo, Corisco e o culto, bem como Corisco culto (pois é o mesmo dizer “Corisco e o culto” e “Corisco culto”), o culto e o justo, Corisco culto e Corisco justo. Todos esses itens denominam-se um segundo concomitância: o justo e o culto, porque sucedem como concomitantes a uma única essência; o culto e Corisco, porque um deles sucede como concomitante ao outro. De certo modo, mesmo Corisco culto é um em relação a Corisco de maneira semelhante, porque uma das

partes presentes no enunciado sucede como concomitante à outra, isto é, o culto sucede como concomitante a Corisco. Também Corisco culto é um em relação a Corisco justo porque uma parte de cada um deles sucede como concomitante a um mesmo e único item.

[1015b 28] Do mesmo modo, se o concomitante for denominado a respeito de um gênero ou a respeito de alguma das denominações universais, por exemplo, homem e homem culto são o mesmo; seja porque o culto sucede como concomitante ao homem, que é uma essência única, seja porque ambos sucedem como concomitantes a algum dos particulares, como Corisco; com a exceção de que não é do mesmo modo que ambos se atribuem, pelo contrário: um atribui-se como gênero e atribui-se na essência, ao passo que o outro se atribui como disposição ou afecção da essência.

[1015b 34] Assim, denomina-se desse modo tudo aquilo que se denomina um segundo concomitância. Por outro lado, entre aquilo que se denomina um em si mesmo, alguns se denominam por serem contínuos; por exemplo, facho, por amarração, madeiras, por cola; também a linha, mesmo se for flexionada, se diz uma, desde que contínua, assim como cada uma das partes, por exemplo, perna e braço.

[1016a 4] Entre essas coisas, as que são contínuas por natureza são mais “um” do que as que são contínuas por técnica. E contínuo se denomina aquilo (considerado em si mesmo) cujo movimento é um e não pode ser de outro modo; é um o movimento daquilo cujo movimento é indivisível, e indivisível conforme ao tempo.

[1016a 7] É em si mesmo contínuo tudo aquilo que é um não por contato; pois, se dispusesse madeiras que se tocassem umas às outras, não poderias dizer que elas são um, seja uma madeira, seja um corpo, seja algum outro contínuo. E aquilo que é de fato contínuo se denomina um mesmo se possuir dobra, e denomina-se ainda mais propriamente um aquilo que não possui dobra; por exemplo, a canela ou a coxa se denominam um mais que a perna, porque cabe que o movimento da perna não seja um. Também a linha reta é mais um do que a flexionada. Chamamos e não chamamos de “uma” a linha flexionada, que possui ângulo, porque é possível que o movimento dela seja ou ao mesmo tempo ou não ao mesmo tempo, ao passo que o movimento da linha reta é sempre ao mesmo tempo, e não há parte (dotada de tamanho) que repouse enquanto a outra se move (tal como há na linha flexionada).

[1016a 17] Além disso, de outro modo, algo se denomina um porque aquilo que está subjacente é indiferenciado em forma; é indiferenciado aquilo cuja forma é indivisível conforme à sensação. Quanto ao subjacente, seja o primeiro ou o último em relação ao acabamento; pois o vinho se denomina um e a água se denomina uma na medida em que são indivisíveis segundo a forma, e todos os líquidos (por exemplo, azeite, vinho) e todas as coisas

suscetíveis de fusão se denominam um porque o subjacente último de todas é o mesmo (pois todas essas coisas são água ou ar).

[1016a 24] Denominam-se um também os itens cujo gênero é um, diferenciado pelas diferenças opostas – e todos esses itens denominam-se um porque é um o gênero que está subjacente às diferenças (por exemplo, cavalo, homem e cachorro são um certo um porque todos são animais), e de modo similar tal como a matéria é uma. Tais itens às vezes são denominados um desse modo, mas às vezes o gênero superior (o que está acima deles) se denomina o mesmo (se eles forem formas específicas últimas do gênero); por exemplo: o isósceles e o equilátero são uma mesma e única figura porque ambos são triângulos; mas como triângulos, não são idênticos.

[1016a 32] Além disso, denomina-se um tudo aquilo cujo enunciado que afirma o “*o que era ser*” é indivisível em outro enunciado que mostre o “*o que era ser*” em relação ao assunto (pois, em si mesmo, todo enunciado é divisível). Pois, desse modo, são um só aquilo que cresceu e aquilo que define, porque o enunciado é um só, tal como, com respeito às superfícies, o enunciado da forma.

[1016b 1] Em geral, é um, de modo preponderante, tudo aquilo cuja inteligência (a que entende o “*o que era ser*”) é indivisível e incapaz de o separar, seja no tempo, no lugar ou pelo enunciado e, entre tais itens, todos os que são essências. Pois, de modo geral, tudo aquilo que não comporta divisão se denomina um conforme ao aspecto em que não a comporta; por exemplo: se, enquanto homem, não comporta divisão, é um homem; se enquanto animal, é um animal; se enquanto grandeza, é uma grandeza.

[1016b 6] Assim, a maior parte das coisas se denomina um ou por produzir outra coisa una, ou por possuí-la, ou por padecê-la, ou por ser em relação a outra coisa una; mas as coisas que primeiramente se denominam um são aquelas cuja essência é uma, e é uma ou por continuidade, ou pela forma, ou pela definição; pois contamos como sendo várias ou as coisas não contínuas, ou aquelas cuja forma não é uma, ou aquelas cuja definição não é uma.

[1016b 11] Além do mais, há um modo em que dizemos ser um qualquer coisa que seja, desde que for de uma certa quantidade e contínua, mas há outro modo em que não o dizemos, se não for um certo todo, isto é, se não possuir uma forma única; por exemplo: não dizemos “um” de maneira semelhante quando vemos as partes de um calçado dispostas de qualquer modo que for (a não ser devido à continuidade); mas, quando as vemos dispostas de tal modo que seja um calçado e possua certa forma, então dizemos um; por isso, entre as linhas, a do círculo é a mais una, porque é inteira e perfeita.

[1016b 17] Mas o *ser para o um* é ser certo princípio do número; pois a primeira medida é princípio, pois aquilo pelo que primeiramente tomamos

conhecimento é a primeira medida de cada gênero; assim, a respeito de cada gênero, o princípio daquilo que pode ser conhecido é o um.

[1016b 21] No entanto, o um não é o mesmo em todos os gêneros. Pois aqui é o intervalo, ali é a vogal ou a não-vogal; do peso, é algo distinto e, do movimento, algo diverso.

[1016b 23] Mas, em qualquer caso, aquilo que é um é indivisível, ou pela quantidade, ou pela forma. Por um lado, quanto ao indivisível conforme à quantidade, aquele que é inteiramente indivisível e sem posição chama-se unidade; aquele que é inteiramente indivisível e possui posição chama-se ponto. Aquele que é divisível apenas de um modo chama-se linha; aquele que o é de dois modos, chama-se superfície, ao passo que aquele que é divisível em quantidade de três modos e inteiramente, chama-se corpo. De modo inverso, com efeito, aquilo que é divisível de dois modos chama-se superfície, aquilo que o é de um só modo chama-se linha, ao passo que o que não é de modo algum divisível pela quantidade chama-se ponto ou unidade – a unidade é sem posição, ao passo que o ponto comporta posição.

[1016b 31] Além disso, algumas coisas são um pelo número, outras, pela forma, outras, pelo gênero, outras, finalmente, por analogia. São um em número aquelas cuja matéria é uma; um pela forma, aquelas cuja definição é uma; um em gênero, aquelas cuja figura de predicação é a mesma; um por analogia, todas as que se comportam tal como uma terceira coisa em relação a outra. Os modos posteriores sempre acompanham os antecedentes; por exemplo: tudo aquilo que é um pelo número é um também pela forma, ao passo que nem tudo que é um pela forma é um pelo número. Mas são um em gênero todas as coisas que são um precisamente pela forma, ao passo que nem tudo aquilo que é um em gênero é um pela forma, mas tudo aquilo que é um em gênero é um pela analogia; por outro lado, nem todas as coisas que são um pela analogia são um em gênero.

[1017a 3] É também manifesto que as coisas não de ser denominadas “muitas” de maneira oposta ao “um”: algumas, por não serem contínuas; outras, por terem uma matéria divisível em sua forma (seja a matéria primeira, seja a última), outras, porque são mais de uma as definições que definem o “o que era ser”.

Capítulo 7:

[1017a 7] Aquilo que é se diz, por um lado, segundo concomitância e, por outro, em si mesmo. Segundo concomitância, por exemplo, tal como dizemos que “o justo é culto” e que “o homem é culto” e que “o culto é homem”, dizendo nestes casos de maneira similar a quando se diz que “o culto constrói casa” porque sucede como concomitante ao construtor de casa ser culto, ou ao culto ser construtor de casa (pois *isto ser aquilo* significa *aquilo suceder como*

concomitante a isto) – e é assim também nos casos mencionados. Pois, quando dizemos que “o homem é culto”, ou que “o culto é homem”, ou que “o branco é culto”, ou que “o culto é branco”, num caso afirmamos assim porque ambos os itens sucedem como concomitantes a um mesmo, mas, noutra caso, porque de fato sucede como concomitante e, enfim, afirmamos que “o culto é homem” porque a este sucede como concomitante o culto (e assim se diz que até mesmo o não-branco é, porque aquilo a que ele sucede como concomitante é).

[1017a 19] Assim, aquilo que se diz ser segundo concomitância se diz deste modo ou porque ambos de fato se atribuem a um mesmo ente, ou porque de fato se atribui a algo, ou porque o próprio item *x* é aquilo a que se atribui o item *F*, do qual o próprio *x* está sendo predicado.

[1017a 22] Por outro lado, se diz que são *em si mesmos* todos os itens que as figuras da predicação designam: pois de quantos modos tais figuras se dizem, de tantos modos elas designam o ser. Ora, visto que, entre os predicados, uns significam “*o que é*”, outros significam *de certa qualidade*, outros, por sua vez, *de certa quantidade*, outros, *em relação a algo*, outros, *fazer* ou *padecer*, outros, *onde* e outros, enfim, *quando*, o ser significa o mesmo que respectivamente cada um deles; pois não diferem em nada “homem é saudável” e “homem exibe saúde”, nem difere “homem é caminhante” de “homem caminha” (ou “homem é cortador” de “homem corta”), e semelhantemente também nos demais casos.

[1017a 31] Além disso, o “ser” e o “é” significam que é verdadeiro, enquanto o “não ser” significa que não é verdadeiro, mas sim falso, de modo semelhante para as afirmações e negações, por exemplo: que “é Sócrates culto” significa que isso é verdadeiro; ou que “é Sócrates não branco” significa que isso é verdadeiro. Por outro lado, que “não é comensurável a diagonal” significa que é falso.

[1017a 35] Além disso, o ser e o ente significam, a respeito desses itens que foram mencionados, de um lado, aquilo que pode ser dito em potência, mas, de outro, o que é em efetividade; pois dizemos que é algo que vê tanto quem vê em potência como quem está efetivamente vendo, e do mesmo modo dizemos conhecer tanto aquele que é capaz de utilizar o conhecimento como aquele que o está utilizando, e dizemos que repousa tanto aquilo em que presentemente ocorre repouso como aquilo que pode repousar.

[1017a 6] Semelhantemente também a respeito das essências: pois também afirmamos que Hermes está na pedra, assim como mencionamos a metade da linha, e o grão ainda não amadurecido. Mas, quando algo é em potência e quando ainda não, deve ser delimitado em outra discussão.

Capítulo 8

[1017b 10] Denominam-se essência os corpos simples (tal como terra, fogo, água e todos os que são de tal tipo) e, em geral, os corpos, bem como

tudo aquilo que se constitui a partir deles: animais, prodígios e suas partes. Todas essas coisas se denominam essência porque não são afirmadas de um subjacente, mas é a respeito delas que as demais se afirmam.

[1017b 14] De outro modo, denomina-se essência aquilo que é causa do ser, imanente em tais coisas, que não se afirmam de um subjacente; por exemplo, a alma, em relação ao animal.

[1017b 17] Além disso, denominam-se essência todas as partes que, imanentes nas coisas de tal tipo, as delimitam e demarcam *um certo isto*, suprimidas as quais, suprime-se o todo; por exemplo: suprimida a superfície, suprime-se o corpo (como dizem alguns) e, suprimida a linha, suprime-se a superfície. Em geral, alguns reputam que o número é assim desse tipo (pois reputam que nada existiria, se o número fosse suprimido, e que ele delimita tudo).

[1017b 21] Além disso, eis o que também se denomina essência de cada coisa: o “*o que era ser*”, cujo enunciado é definição.

[1017b 23] Assim, resulta que a essência se denomina de dois modos: o subjacente último, que não mais se afirma de nenhum outro item, e aquilo que, sendo *um certo isto*, é também separado: e de tal tipo é a configuração e a forma de cada coisa.

NOTAS

1014a 21: traduzi por “simultaneamente” o advérbio “*hama*”, segundo o hábito já consagrado. No entanto, devo observar que tal advérbio não demarca apenas relações de simultaneidade temporal, mas também relações lógicas de *acompanhamento recíproco*, tal como poderia ser expresso num bicondicional. Uma opção igualmente boa para traduzir essa acepção seria “conjuntamente”.

1014b 6, 9: o enunciado “*ta malista katholou stoicheia einaí*” afigura-se como um lema da doutrina platônica, que é objeto também da alusão seguinte (1014b 8-9). Não seria absurdo tomar o “*einaí*” da linha 7 como coordenado ao “*einaí*” da linha 9, como se ambos complementassem o verbo “*dokein*” da linha 9. Na mesma linha 1014b 9, a expressão “*ta kaloumena gene*” parece remeter a conceito bastante preciso, pertinente à doutrina platônica que elege o mais universal como mais princípio.

1014b 17: “como se alguém pronunciasse estendendo o ‘u’”: em grego, “natureza” é “*physis*”, e um dos sentidos mais restritos do termo seria assinalado pela maneira de alongar a pronúncia do “y”. É óbvio que não há nenhuma correlação possível com modos de pronunciar a palavra “natureza” em português.

1014b 20: “*phyesthai*”, que traduzi por “nascer”, poderia ser igualmente traduzido por “brotar”, “crescer”, “vicejar”. O termo “nascer”, no entanto, além de contemplar maior número de casos, preserva, com o termo “natureza”, uma relação etimológica similar à que se encontra na língua grega, entre “*phyesthai*” e “*physis*”.

1014b 28: “*arrythmistou ontos*”: por comparação com outras passagens relevantes, desenvolvi o particípio presente numa oração relativa com um dos predicativos atribuído no imperfeito. Isso não fere nenhuma regra da sintaxe grega (ver J. Humbert, *Syntaxe Grecque*, Paris: Klincksieck, 1954, p. 171) e parece-me exigido para a compreensão do conceito de “*physis*” entendido como componente material.

1015a 12-3: a tradução do termo “*ousia*” neste contexto requer justificativas. Na verdade, não é fácil atinar com o exato significado da observação de Aristóteles em 1015a 11-3. Ross (*Aristotle’s Metaphysics*, vol. 1, p. 295) supõe que Aristóteles esteja especificando, como mais um sentido de “*physis*”, a noção geral de essência (causa do ser). Mas essa proposta é pouco razoável. Kirwan (*Metaphysics IV-V-VI*, p. 131) é mais criterioso, ao mapear diversas possibilidades: (i) Aristóteles estaria dizendo que todas as substâncias (“*ousiai*” no sentido especificado em 1017b 10-4) são naturezas; (ii) Aristóteles estaria dizendo que mesmo as substâncias artificiais podem ser denominadas “naturezas”; (iii) Aristóteles estaria dizendo que “natureza” pode funcionar como um nome coletivo para o conjunto de todas as substâncias. Esta última alternativa é pouco plausível (ver razões contra ela em J. Lennox, *Aristotle’s Philosophy of Biology*, 2001, p. 184). Quanto à segunda, ela é ainda menos plausível, pois Aristóteles declara explicitamente o contrário em *Metafísica* 1043b 21-3. A primeira alternativa listada por Kirwan é a mais razoável. Mesmo assim, ela requer uma justificativa. Em primeiro lugar, é óbvio que Aristóteles não está atestando a equivalência entre, de um lado, “*physis*” e, de outro, “*ousia*” no sentido de causa do ser, pois isso já foi feito em 1014b 35- 1015a 5. Em segundo lugar, para o sentido de “*ousia*” especificado em 1017b 10-14, parece não haver, estritamente falando, nenhum uso correspondente do termo “*physis*” – antes, parece usar-se o termo “*physei*” (ver 1015a 6-7 e, de certo modo, *Física* 192b 36- 193a 1). No entanto, Aristóteles parece se reportar ao uso do termo “*physis*” conforme à primeira alternativa indicada por Kirwan. Mas esse uso do termo “*physis*” se dá devido a uma “transposição de sentido”. É a razão que justifica essa transposição de sentido encontra-se na frase seguinte, na qual, segundo proponho, “*physis*” e “*ousia*” teriam sentidos bem demarcados. De um lado, “*ousia*” designaria o fato de tal e tal coisa estar sendo continuamente, ou o fato de tal e tal coisa apresentar-se no mundo. Seria algo

similar ao que exprimimos com o termo “realidade” em frases como esta: “a universalização da Internet já é uma *realidade*” ou “o uso de drogas por crianças é uma *realidade*”. Em leve oposição a esse sentido de “*ousia*”, teríamos o sentido mais originário de “*physis*”, indicado em 1014b 16-7: o processo pelo qual algo nasce e se torna aquilo que é. Assim, a frase em 1015a 13, “também a natureza é uma certa realidade”, deveria ser entendida do seguinte modo: “também um processo de vir a ser é uma realidade, ou seja, é de certo modo algo presente no mundo”. Esta frase nos aponta a razão para uma *licença* pela qual toda e qualquer realidade (em sentido genérico) e, preponderantemente, todas as *ousiai* no sentido de *subjacentes* (1017a 10-4), passam a ser denominadas como “naturezas”. Daí, o termo “*physis*” passa a designar o mesmo que “*ousia*” em 1017a 10-4: uma *realidade subjacente* (para tal uso do termo “*physis*”, ver, por exemplo, *Metafísica* 1003a 27, 1031a 30, 1053b 13, 26). No entanto, estritamente falando, as *realidades subjacentes*, isto é, as *ousiai* conforme ao sentido de 1017a 10-4, são “por natureza” (“*physei*”), mas não “natureza” (1015a 6-7). É por isso que, ao atestar o uso de “*physis*” para designar tais realidades subjacentes, Aristóteles dá destaque à expressão “já por transposição”.

1015a 31: “mas a violência me constrange por necessidade a fazer isso”: trata-se do verso 256 da *Electra* de Sófocles. “Constrange por necessidade” traduz “*anagkazei*”, do verbo “*anagkazo*”, que deriva do substantivo “*anagke*” (traduzido por “necessidade”). A relação etimológica imediata presente no original perde-se no português. Uma tradução mais ousada poderia ser “mas a violência necessita-me a fazer isso”. Mas tal frase soaria pouco natural em português, contrariamente ao que ocorre no grego.

1015b 6: “*aitia*” foi traduzido por “causa”, mas o sentido preciso do termo nesta ocorrência certamente quer dizer algo como *modo de causação*, *tipo de causalidade*. Poderíamos ter traduzido por “causalidade”. Para ocorrência semelhante do mesmo termo, ver *As Partes dos Animais* 642a 13.

1015b 7: “*ton anagkaion*” é assumido por Ross e Kirwan como genitivo partitivo e não como genitivo objetivo, o que me parece também uma boa leitura. Expressão quase idêntica ocorre também em *Segundos Analíticos* I 6, 74b 13-4, na qual há, talvez, a mesma ambigüidade. No entanto, textos como *Segundos Analíticos* I 30, 87b 19-22 e, sobretudo, *Metafísica* VII 15, 1039b 31-1040a 1, nos autorizam a tomar tal expressão como complemento objetivo.

1016a 34: leio o texto dos códices, sem a intervenção de Ross, que condena “*ti en einar*” como se fosse uma glosa.

1016b 26-7: traduzi o texto estabelecido por Jaeger. A passagem é difícil, e Jaeger, a partir da interpretação de Alexandre de Afrodísia, propõe um ponto final após “*stigme*” na linha 26; com isso, o predicativo subentendido nas sentenças seguintes (“*monachei gramme*”, “*dichei epipedon*”) seria “divisível” (“*diaireton*”) e não “indivisível” (“*adiaireton*”), ao contrário do que sucede com a pontuação proposta por Ross, conforme à qual teríamos o desafio de tentar compreender em que sentido Aristóteles entenderia que a linha é indivisível apenas de um modo e a superfície, indivisível de dois modos.

1017a 12-3: Aristóteles utiliza o mesmo pronome “*tode*” quatro vezes. Mas, certamente, eles não se referem a nada mencionado anteriormente no texto, pois apenas cumprem uma função similar à das variáveis introduzidas na lógica moderna ou – é bom lembrá-lo – introduzidas pelo próprio Aristóteles na teoria geral da silogística nos *Primeiros Analíticos*. Assim, “*isto ser isto*” quer dizer “*A ser B*” (ou “*x ser y*”), e não “*A ser ele mesmo, A*”. Para uso semelhante desse e outros pronomes, ver *Top.* 127b 5-7; 150a 2, b 27; 154a 6-7; *Fís.* II 9, 200b 4; *Seg. Analíticos* I 22, 83a 36; *Part. Anim.* I, 639b 28; 640a 7-8; 640b 3; 641b 24, 27, 28. De modo similar, a expressão “*isto nisto*” (“*tode en toide*”) não corresponde a “algo estar em si mesmo”; pelo contrário, ela comparece em diversas passagens (*Met. Z* 11, 1036b 23; *DA* III 4, 429a 14, *Part. Anim.* I 1, 640b 26) como jargão convencional para designar uma composição hilemórfica envolvendo dois elementos distintos, como se fosse abreviação do enunciado “tal forma nesta matéria” (ver *Metafísica* VII 8, 1034a 6).

1007a 27-29: Aristóteles quer mostrar que não há diferença (sob certo aspecto) entre duas formas sentenciais. Em grego, a forma conjugada do verbo no presente (*hygiainei* = “exibe-saúde”) pode ter como equivalente uma locução formada pelo verbo “é” como auxiliar mais o particípio presente do verbo inicial (*esti hygiainôn*, que traduzi por “é saudável”). Disso resulta haver as formas sentenciais equivalentes, “*anthropos hygiainei*” e “*anthropos esti hygiainôn*”. Não é possível encontrar formas sentenciais em português sem perder elementos relevantes da comparação pretendida por Aristóteles. Discuti o sentido dessa passagem em *Ontologia e Predicação em Aristóteles*, Campinas: IFCH/Unicamp, p. 161-3.

1017a 33-34: Aristóteles parece entender que a antecipação do verbo “é”, tomado como cópula predicativa, tem por resultado enfatizar a função exercida pela cópula como sinal da pretensão de verdade. Essa ordem das palavras, que não soa bem em português, foi, não obstante, mantida na tradução, devido à relevância que ocupa na caracterização que Aristóteles

oferece da função veritativa do “é”. Discuti o sentido dessa passagem em *Ontologia e Predicação em Aristóteles*, Campinas: IFCH/Unicamp, p. 163-6.

1017b 8: traduzi por “em potência” o adjetivo “*dynaton*”. Essa opção parece contrariar o hábito de reservar a expressão “em potência” para traduzir o dativo “*dynamei*”. No entanto, as duas opções habituais para “*dynaton*”, isto é, “possível” e “capaz”, não seriam adequadas ao contexto. Em primeiro lugar, a noção de “possível” é muito mais genérica e pode se confundir com a noção de “*endechomenon*”, segundo a qual denomina-se como possível qualquer possibilidade indeterminada. Em segundo lugar, a noção de “capaz” é adequada para exprimir a capacidade ativa, mas não a suscetibilidade passiva, que também está presente na noção grega. Por outro lado, a correlação entre “*dynamei*” e “*dunatos*” é trivial em grego: é o mesmo dizer que algo é “*dynaton horan*” (“capaz de ver”) e “*dynamei horon*” (“que vê em potência”), assim como dizer que algo é “*dynaton horastha*” (“susceptível de ser visto”) e “*dynamei horaton*” (“visível em potência”). No presente contexto, o termo “*dynaton*” encontra-se numa acepção genérica, que envolve tanto a capacidade ativa como a suscetibilidade passiva. Por isso, convém traduzi-lo por um termo capaz de cobrir ambas as acepções – o que me parece ser o caso para a expressão “em potência”.

